

---

## 09. DINÂMICAS DE PODER E PRÁTICAS POLÍTICAS

Valdênio Freitas Meneses<sup>1</sup>

### Introdução

Em 15 de fevereiro de 2015<sup>2</sup> uma reportagem no caderno de mercado da Folha de São Paulo informa que o Laticínio Grupiara, localizado na Fazenda Carnaúba, município de Taperoá-PB, foi notificado pelo governo da Paraíba que deveria mudar os nas embalagens da sua marca de queijo de cabra. Em nota oficial<sup>3</sup>, a secretaria estadual de agricultura e pesca afirma que o problema dos nomes “Cariri”, “Arupyara” e “Borborema” que indicam os sabores dos queijos do Grupiara é que não atendem exigências de vigilância sanitária ao dispor poucas informações acerca da composição dos produtos- uma sugestão seria colocar nomes como “boursin” e “cramembert”. Caso não se enquadrasse nas mudanças exigidas o governo iria caçar o registro do Laticínio, impedindo-o de vender ou fornecer seus produtos nos supermercados e exposições. Em entrevista a Folha, Joaquim Vilar, administrador do laticínio, se recusa a fazer o que chama de “afrancesar” os queijos: para ele não teria sentido nomear dessa forma uma produção artesanal feita a partir de uma seleção rigorosa de ervas e do leite de cabras que dá ao queijos um original “sabor” da cultura regional nordestina. Vilar ainda argumenta que as alterações propostas pelo governo estadual implicariam em “descaracterizar” a premiada arte da embalagem dos queijos produzidos no Grupiara adornadas com marcas de ferros de gado que representam os sobrenomes Dantas Vilar e Suassuna. As gravuras foram feitas pelo pai de Joaquim, o Sr. Manuel Dantas Vilar Filho, o “Manelito” e seu primo Ariano Suassuna. Essa dupla é reconhecida como responsável pela Carnaúba ter se tornado, segundo revistas<sup>44</sup> especializadas em agronegócio, um modelo de sucesso para pecuária caprina e convivência

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA-UFRRJ). E-mail: [valdeniofmeneses@gmail.com](mailto:valdeniofmeneses@gmail.com) / [valdeniofmeneses@hotmail.com](mailto:valdeniofmeneses@hotmail.com).

<sup>2</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/02/1590146-paraiba-impede-laticinio-da-familia-de-ariano-suassuna-de-renovar-registro.shtml>

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.wscom.com.br/noticia/paraiba/GOVERNO+EXPLICA+SOBRE+REGISTRO+LATICINIO-183445>

<sup>4</sup> “Em pleno sertão paraibano, a Fazenda Carnaúba, da família do dramaturgo Ariano Suassuna, produz variedades especiais feitas com leite de cabras nativas”. Disponível em <<http://dinheirorural.com.br/secao/agronegocios/o-queijo-do-poeta>>.

com as secas. A parceria entre os primos engenheiro e escritor foi firmada na década de 1970 quando os dois fizeram pesquisas em feiras e exposições para selecionar raças de caprinos segundo múltiplos critérios: tanto técnicos como aptidão par carne e leite, rusticidade e resistência ao clima semiárido como literários de pureza “ibérico-sertaneja” que seriam típicos de um sertão frugal e verdadeiro do Nordeste do Brasil (Suassuna, 2013, p.9).

Os argumentos levantados em torno deste conflito entre os proprietários da Carnaúba e o governo da Paraíba – posteriormente resolvido através de um acordo-evidenciam um interessante cenário de pesquisa sobre elites em processos de reprodução e transformação social. Ao que parece, mais do que a defesa de uma empresa pela venda de seu produto no mercado, há algo mais, socialmente falando, em jogo: um mosaico montado entre recursos de poder que envolvem afirmação de uma elite pecuarista dentro de percepções e classificações sociais sobre terra, pecuária e as secas. Nessas referencias iniciais podem ser feitas algumas questões: quais estratégias tornam possível a combinação de símbolos de exaltação e conservação de um passado – como parentesco, o patrimônio das fazendas e ferros de marcar gado – com elementos que firmam uma ideia de pioneirismo e modernidade – uma pecuária especializada para o mercado e resistência as secas? Por que uma antiga elite pecuarista – “encouraçada” no status social do gado – defenderia com afincos a pecuária caprina, até poucas décadas atrás, considerada de pouco status (Gonçalves Junior, 2012)?

É partindo dessas questões que o artigo busca compreender, nas singularidades do caso das Fazendas Carnaúba e Pau Leite das famílias Dantas Vilar e Suassuna, como descendentes das antigas elites pecuaristas tem tentando reconverter seu status distinto através de transformações no espaço das fazendas junto a um forte movimento de valorização da pecuária caprina no semiárido nordestino. Tomo como fontes de análise: 1) livros de memória e genealogias das famílias Suassuna e Dantas Vilar, com destaque para as obras Ferros do Cariri Heráldica Sertaneja (1974) e a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta (1971) de Ariano Suassuna; 2) artigos jornalísticos e acadêmicos escritos por membros dessas famílias – os engenheiros Manuel Dantas Vilar e João Suassuna - e postagens nas redes sociais do perfil oficial da Fazenda Carnaúba; 3) fotografias e percepções feitas sobre um trabalho de campo em que acompanhei uma exposição de animais – o Dia D - realizado na Fazenda Carnaúba de 15 a 19 de julho de 2015; 4) entrevistas gravadas com pessoas destas famílias entre novembro e dezembro de 2015. Na primeira parte do artigo proponho dialogar minha experiência de pesquisa com os

---

trabalhos de Afrânio Garcia Jr. (1989 , 2007); Monique de Saint-Martin (2002, 2008, 2011) e Pinçon e Pinçon-Charlot (2002, 2007). Apoiados em boa parte no legado de Pierre Bourdieu, esses autores discutem processos de transformação e estratégias de reconversão dos recursos sociais de elites sob diferentes cenários empíricos no Brasil e na França. Outro ponto importante a ser destacado são as tensões e implicações da prática de pesquisa entre grupos sociais localizados em uma posição de poder e origem social superiores ao do pesquisador. A segunda parte do texto trata das estratégias de reconversão social do patrimônio material e simbólico das famílias Dantas Vilar e Suassuna que implicam em múltiplos usos no espaço físico da Carnaúba e Pau Leite: de espaços da “saúde” e conservação da arquitetura, de objetos e símbolos da memória da família – daí destaca-se o uso de elementos da literatura de Ariano Suassuna - as fazendas da família são revestidas sob um signo de moderno e inovador com investimento em uma pecuária de caprinos adaptada o fenômeno das secas e com alto valor de mercado. Nas considerações finais a partir do caso das famílias Dantas Vilar e Suassuna coloco em debate os possíveis novos laços podem estar sendo tecidos na relação atávica entre elites, grande propriedade, pecuária e secas no Nordeste.

De uma forma mais ampla, as atividades de pesquisa que deram origem esse trabalho fazem parte de um projeto de doutorado, iniciado em 2014 no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ).

### **A antiga elite pecuarista do Nordeste**

Chego a Fazenda Carnaúba na manhã do dia 15 de julho de 2015, primeiro dia das atividades do “Dia D”. Desde maio já vinha acompanhando, principalmente através de postagens em redes sociais, as movimentações do grande evento que desde 2013 atrai pecuaristas de Pernambuco, Rio Grande do Norte e da Paraíba. No layout dos panfletos de divulgação estão alguns símbolos que também são visíveis quando se passa das porteiras da fazenda dos Dantas Vilar e Suassuna: o letreiro gravado no estilo “alfabeto armorial” e as cores azul, branco e amarelo que também adornam a pintura das casas.

**começa 17 - SEXTA Empório a partir das 7h da manhã**

**30 ANO**

**São 500 caprinos e ovinos à venda**

**De 17 a 19 de Julho de 2015**

**DIA D**

**FAZENDA CARNAÚBA TAPERÓIA - PB**

**PROGRAMAÇÃO DO III DIA D**

**1º dia - III Dia D - Sexta | 17 de Julho**

7h Abertura oficial  
8h Ordenha pública - vaca Sindi e Guzerá  
10h Palestra **Cultivo de Palma Adensada** Alberto Suassuna  
14h Palestra **Forrageira Nativa** Guilherme Empam  
17h30 Encerramento das vendas do 1º dia

**18h** Coquetel de abertura da exposição **Em Nome do Pai** - Manuel Dantas Suassuna

**2º dia - III Dia D - Sábado | 18 de Julho**

7h Abertura  
16h Lançamento do Núcleo Nordestino de Criadores de Sindi  
18h Encerramento das vendas do 2º dia

**3º dia - III Dia D - Domingo | 19 de Julho**

11h Encerramento

**A maior mostra de Caprinos e Ovinos Nativos do Brasil!**  
ÓTIMAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO  
(30 PARCELAS DE R\$ 35,00 POR ANIMAL)

**Queijos de Cabra da Carnaúba os mais premiados do Brasil**  
A exposição "Em Nome Do Pai", de Manuel Dantas Suassuna  
A Nova Tapeçaria Armorial e Artesanato

**BOVINOS:** GUZERÁ, SINDI E GADO PÉ DURO. **CAPRINOS:** PARDA SERTANEJA, MOXOTÓ, GRAUNA, SERRANA AZUL, REPARTIDAS, CANINDE, MAROTA, MURCIANAS (PRETAS E CAOBAS) E BIRITINGAS. **OVINOS:** BARRIGA NEGRA, CARIPI, MORADA NOVA (PRETAS E VERMELHAS), JAGUARIBES, CARA CURTAS, SANTA INÊS E SOMALIS.

**Informações | SOBRE HOSPEDAGEM:** INÊS (83) 8738 7757 **SOBRE OS ANIMAIS:** JOAQUIM DANTAS (83) 8795 1857 - DANIEL DANTAS (83) 8878 3343

**APOIO:** **PATROCÍNIO:**

Foto 1: Cartaz de divulgação do Dia D de 2014

Acima do escudo do Dia D as marcas de ferro (da esquerda para direita) que representam os sobrenomes Dantas, Vilar e Suassuna

Um outro aspecto que chama atenção ao entrar nas casas dos proprietários das fazendas dos Dantas Vilar e Suassuna, são os desenhos e letras grava das no estilo de marcadores de ferro usados na pele do gado, além da decoração que usa crânios de bois .



Foto 2: Casa grande da Fazenda Carnaúba ( Autoria: Valdênio Meneses)

Para mim esse “bombardeio” de símbolos e cores indicava tensas novidades na minha experiência de pesquisador. Habitado desde os trabalhos em iniciação científica na graduação e no mestrado em ciências sociais a pesquisar associações de trabalhadores rurais em que interagia com um conjunto formado majoritariamente por pequenos caprinocultores e agricultores familiares, lideranças e militantes de movimentos sociais, em suma, pessoas de origem mais modesta, estava agora dentro do espaço de elites, que se demarcavam , primeiro, por uma distinção via antiguidade ligada ao sobrenome – como já tinha percebido ao ler os livros de memórias como A Estirpe Sertaneja de Raimundo Suassuna (1993) Memórias de João Suassuna Filho (2000); Almanaque Armorial de Ariano Suassuna (2007) e Uma família da S erra do Teixeira: Elencos e fatos de Fábio Dantas e Maria Leda Dantas(2008). Um outro fator de peso em termos de status sociais era como estes grupos sociais tinham um elo não apenas econômico, mas com toda uma visão

de valores sociais ligada a pecuária e posse da terradas fazendas localizadas em médias e grandes propriedades<sup>5</sup>. Isso implicava em algumas tensões e desafios de ordem metodológica e, em consequência, de aproximação com os pesquisados. Embora já tivesse feito contato prévio com os proprietários da fazenda havia muitas dúvidas em como “guiar” a pesquisa em interação com eles. O que perguntar? Como perguntar? Como lidar na posição de pesquisador com as prováveis divergências entre visões de mundo e opiniões políticas da minha parte – de classe média urbana socializado em espaços universitários– com elites ligadas ao meio social diferente? Em termos da sociologia de Erving Goffman (2007) – ainda de leitura mais frutífera do que qualquer manual técnico e “seco” de pesquisa social – qual o controle de impressões face-a-face seria mais viável para negociar a pesquisa entre os pecuaristas?

Foi dialogando e problematizando com uma literatura das ciências sociais firmada no legado de Pierre Bourdieu que trata de elites sociais – em suas varias modalidades e tipos – que pude canalizar minhas “angústias” epistemológicas e presenciais na pesquisa nas imponentes fazendas de elites pecuaristas. A virada nos estudos sobre elites sociais, que vem desde os anos 1960, traz rupturas tanto com o conservadorismo de uma teoria das elites clássica do início do século XX (de autores como Mosca e Pareto) como com as tendências de um marxismo estrutural, preso a uma visão antielitista e restrita ao olhar economicista da posição de classe diante dos meios de produção. Perissinoto e Codato (2008, p.10) apontam que a sociologia relacional de Pierre Bourdieu desnaturaliza as propriedades sociais distintivas que são constitutivas de classes, estratos e grupos dominantes. Desde os estudos como os Herdeiros, Estudantes e a Cultura [1964] (2014) ao denso trabalho de pesquisa que originou A distinção: crítica social do julgamento [1979] (2015) as abordagens sobre reprodução social de grupos ou classes dominantes tem passado por um deslocamento na forma de conceber fenômenos de poder e as elites que passa pelo

(...) ponto de partida segundo o qual o mundo social das sociedades modernas é composto de esferas sociais de autonomia relativa e hierarquizadas em função de critérios próprios (...) Vale dizer que se os espaços sociais são múltiplos e organizados de acordo com estruturas e lógicas de poder específicas, perde sentido falar em um tipo de poder e em uma elite ou, ainda em um grupo dirigente. Pelo contrário, o que se tem são diversos grupos de agentes sociais que ocupam posições dominantes em uma ou mais esferas d o mundo social, como as elites políticas, jurídicas, religiosas, econômicas, culturais, burocráticas (Seidl, 2013, p. 183)

<sup>5</sup> O conjunto das fazendas dos Dantas Vilar e Suassuna localizados em Taperoá-PB e composto pela Carnaúba, Pau Leite e Malhada Alegre que juntas somam 5000 hectares. Segundo divulgado no cartão de leilões do dia D o rebanho da Carnaúba e de 800 cabeças de gado e 2500 caprinos e ovinos.

Portanto, sai de cena a busca por uma definição monolítica de elites e classes dominantes para se pesquisar os múltiplos recursos e princípios de legitimação e distinção nos modos de dominação entre as diferentes estruturas de poder e na vida social. Nesse caldo de debates é que pode ser operado analiticamente a ferramenta das estratégias de reconversão social: “deslocamentos e alterações nos capitais incorporados na origem pelos agentes sociais que são colocados diante de situações de transformação social” (Saint-Martin, 1995, p.1023). De uma forma geral, os trabalhos de Pierre Bourdieu (1973, 2014, 2015); Monique de Saint-Martin (1995, 1996, 2002, 2008, 2011,2012) e Afrânio Garcia Jr. (1988, 1989, 2007) acionam o termo reconversões sociais para tentar explicar estratégias de reprodução/transformação<sup>6</sup> no patrimônio material e simbólico de grupos sociais ligados as elites. Os estudos variam de temas como estratégias de emprego e escolarização do patronato, redes de casamentos de descendentes da nobreza europeia, grupos dirigentes recrutados nas *grandécoles* francesas até a trajetória pública e privada de intelectuais, escritores, estadistas e grandes proprietários de terra no Brasil. Em suma, falar em reconversões sociais remete a toda uma dinâmica de “mudar para permanecer igual”<sup>7</sup>.

Consultar essas leituras sobre elites e reconversões sociais permitiu ressignificar as impressões da pesquisa junto as fazendas dos Dantas Vilar e Suassuna. Muitas das dúvidas que tive, antes, depois do campo e no momento da escrita, ajudaram a lapidar um particular “mal estar deontológico” – como colocam Pinçon e Pinçon-Charlot (2007) – vindo de um conjunto de agressões simbólicas que o sociólogo sofre quando pesquisa as elites: dificuldade em acessar informações devido a um sigilo dos patrimônios e desconfiança das elites; a falta de conhecimento do sociólogo dos rituais sociais do “mundo particular” de eventos das elites (jantares, festas, casamentos); os cenários das entrevistas – geralmente em mansões, palacetes ou fazendas - crivados com símbolos que demarcam poder e, por fim, um domínio dos códigos de capital cultural que fazem com

<sup>6</sup> Ao mobilizar a ferramenta conceitual de reconversões sociais também pode-se problematizar criticamente a contribuição de Pierre Bourdieu (2008) que insiste em um suposto “ajustamento” que os agentes sociais teriam entre as estruturas que lhes são incorporadas e suas práticas por meio de um princípio unificador, um *habitus* – conceito carregado de deduções não explicadas como aponta Lahire (2005). Atentando a essas críticas a contribuição de Bourdieu, falar em estratégias de reconversões permite maleabilizar, mostrar multiplicidades e variabilidades, possibilidades de “sucessos ou fracassos” em processos de reprodução social. Ao mesmo tempo que não se perde do horizonte como as transformações movem a tessitura da vida social, o jogo de interdependências e relações de poder, que os indivíduos estabelecem uns aos outros em sociedade, como sugere Elias (2006), e toda a produção de autoimagens e referência as origens sociais, de lugar e de classe, que possibilitam ou não o acesso a capitais econômicos, culturais ou sociais.

<sup>7</sup> Essa frase é dita por um dos personagens da nobreza siciliana decadente entre o século XIX e XX do livro *O Gattopardo* de Tomasi Lampedusa adaptado para o cinema pelo diretor Lucchino Visconti (1963).



que haja tentativas por parte da elite de controlar e vigiar a pesquisa para impor uma representação favorável. Talvez exceto pelo fato da minha origem ser paraibana e da região do Cariri, onde fica localizada a fazenda Carnaúba – o que talvez facilitou até certo ponto uma entrada de pesquisa em um meio social de forte regionalismo e tendência a desconfiança com o que “vem de fora” como é o das elites pecuaristas nordestinas - houve um conjunto de tensões metodológicas, contraditórias entre si, que tive de refletir as percepções do trabalho de campo e as falas das entrevistas. De um lado o risco de acabar sendo “convencido” pela crença dos pecuaristas, ou seja, convidado a participar das magias dos lugares na forma como as famílias os apresentam – com o argumento regionalista “sertanejo-medieval” da literatura de Ariano Suassuna, apego a pecuária as fazendas e aos símbolos de passado glorioso, as longas genealogias etc. Do outro, poderia ocorrer o inverso: a minha escrita ser excessivamente pautada em tom de desmonte e desvendamento do que eu poderia julgar como farsas e maniqueísmos que uma antiga elite usaria supostamente para “esconder” ou desacelerar o processo de declínio que sofria. Essa postura se aproximaria ao que Pinçon e Pinçon-Charlot (1991, p. 129) apontam como uma revanche, consciente ou inconsciente, que o pesquisador faz as “humilhações” simbólicas que sofreu ao circular nos espaços privados da elite.

Para fazer uma escrita “nem deslumbrada nem vingativa” precisaria estabelecer alguns parâmetros para qualificar a elite que estou pesquisando – a antiga elite pecuarista do Nordeste. Isso passa por uma compreensão dos recentes processos sociais que este grupo sofreu e que o ameaçou de desclassificação dos recursos distintivos, principalmente a posse da terra e o sobrenome.

Pesquisas que analisaram espaços rurais da região Nordeste atingida pelas secas apontam uma crise, intensificada entre as décadas de 1960-1990, de uma lógica social que dinamizava as fazendas sob a produção algodoeira para exportação, a atividade da pecuária bovina e relações de trabalho baseadas na “moradia”. O chamado tripé “boi/algodão/moradia” era a forma social particular na grande propriedade pecuarista de uma diversidade de relações e nomes: os “agregados”; “o trabalho alugado”; “cambão” ou “sujeição” dentre outros que variavam também no tipo de atividade de grandes propriedades no Nordeste (cana de açúcar, cacau, frutas etc.). Em termos materiais a “troca” entre proprietários da terra e trabalhadores agregados se dava pela moradia em pequenas casas dentro ou nas imediações das fazendas junto a trabalho através da “partilha” da colheita, de “um dia de trabalho gratuito” ou de animais do rebanho no caso do “quarto dos vaqueiros” (Andrade, 2011, p. 2 05). Em termos simbólicos havia todo um



sistema de dominação naturalizada como uma “ordem das coisas”<sup>8</sup>, dentre uma série de prestações e compromissos impostos pelos grandes proprietários às famílias despossuídas de terra que iam morar nas fazendas. No caso específico da elite pecuarista das regiões do Sertão e Cariri Paraibano o eixo algodão/boi/moradia/produção de alimentos foi sendo dissolvido com a saída de trabalhadores por processo de migração entre ciclos de secas nos anos 1980 (Duque, 1985, p.168), (Menezes, 1985) junto as sucessivas pragas que atacaram o algodão-mocó e a concorrência das fibras sintéticas, comprometendo a lavoura do principal produto de exportação (Moreira; Targino, 1997, p. 56-57). Nem mesmo iniciativas governamentais para implementação da algaroba, espécie vegetal exógena, defendida nos discursos dos projetos de financiamento como eficiente para alimentação do gado na década de 1970, conseguiram trazer alternativas de fôlego para evitar que a grande propriedade do sertão nordestino sofresse drásticos prejuízos no chamado “fim do ciclo do algodão” (Cunha, Gomes, 2012). Esses processos “desaguaram” em outras tendências na década de 1990-2000 como as desapropriações de terras de antigas fazendas para construção de assentamentos rurais (Silva, 2012); o avanço dos direitos trabalhistas e da previdência para os trabalhadores rurais e a presença de uma rede de políticas públicas para crédito rural, programas de transferência de renda de combate a fome dentre outras melhoras no poder aquisitivo (Bacelar, 2010). Esses últimos fatores são apontados como um dos várias razões<sup>9</sup> possíveis para a melhora nos índices de pobreza e desenvolvimento humano na região Nordeste e Cariri da Paraíba (Favareto; Abramovay, 2011).

<sup>8</sup> A “moradia” compunha um sistema de poder que não se limitava ao espaço das fazendas: legitimava e naturalizava as relações de poder a nível das decisões no Estado. Para a elite pecuarista e algodoeira, essa “gramática” de dominação teve uma historicidade política a nível das decisões de impacto político regional e nacional junto com um outro aspecto de forte apelo: a dramatização do fenômeno das secas. É o que passa pelas pesquisas de historiadores de diferentes epistemologias que mostram como uma elite, não apenas proprietária mas política, atuou em várias frentes: na constituição de um problema regional das secas e na própria demarcação de uma região Nordeste na paisagem imaginária do Brasil - que data no final do século XIX até o início do século XX (Albuquerque jr., 2011); protagonizou o poderio oligárquico e coronelístico no período da velha república de famílias proprietárias de fazendas que dinamizavam o consórcio pecuária/algodão até a Revolução de 1930 na Paraíba (Lewin, 1993) e também articulou os conchavos e dramatizações que pediam a alvação ao “Norte sofrido das secas” para controlar a construção das linhas do trem da Great Western Company no boom exportador do algodão na primeira metade do século XX (Aranha, 2011). As iniciativas governamentais de modernização e combate a miséria e crises de abastecimento com as secas também interligavam uma elite pecuarista e algodoeira no semiárido, na chamada “indústria da seca” (Callado, 1960) que segue intensamente, no pós golpe de 1964, a uma “caça” pelos controles dos recursos e obras do planejamento de instituições como DNOCS e da SUDENE (Furtado, 1997); (Oliveira, 1981).

<sup>9</sup> Importante demarcar que essas transformações também podem ser vistas para além do “bolso” ou do “estômago”. Os trabalhos de Gislene Moreira (2014) e Fabiana Moraes (2010) tem enfatizado em recentes mudanças no curso nas trajetórias de jovens de origem pobre de pequenos municípios e na zona rural do Nordeste em que relações de gênero, identidade, trajetórias de vida, perspectivas de trabalho, padrões de consumo e até gostos musicais são bem diferentes das gerações dos pais e avós. A metáfora do jovem sertanejo, filho de moradores e agregados que trabalhavam nas fazendas, que “abdica do chapéu de vaqueiro

---

Portanto, todo um múltiplo giro de transformações sociais recentes colocou em descrédito e risco de desclassificação um patrimônio de recursos materiais e simbólicos de uma antiga elite identificada com o que autores clássicos chamaram de “civilização do couro” (Abreu, [1907] 1954), e com um “Outro Nordeste” pecuário e algodoeiro as costas dos canaviais e dos engenhos do litoral (Menezes, 1937). Com o desenrolar dos processos, essa elite social pecuarista se tornou alvo de críticas e estereótipos. Desde o fim da década de 1980, movimentos sociais de esquerda firmaram uma forte crítica a atuação do estado brasileiro diante do fenômeno das secas, colocando a lógica social da elite pecuarista e algodoeira como uma das grandes responsáveis por agravar a situação de pobreza e miséria na região semiárida mais populosa do mundo. É “a roda da vida: fazendeiro come capim-terra-folhas de algodão que come trabalho do pequeno proprietário (...)” (CPT, 1980, p.50). Acompanha essa imagem de “atraso” uma outra cristalização de imagens: a de que o latifúndio pecuarista seria local por excelência da performance das relações sociais que caracterizamos coronelismos, mandonismos e clientelismos (Cunha, Maia, 2016).

Supondo que grupos sociais- principalmente elites- não se desmancham no ar quais seriam as estratégias de um grupo de proprietários pecuaristas para lidar com as transformações que tornam seu passado e recursos distintivos cada vez mais distantes social e historicamente falando? Dentre várias formas possíveis que uma elite pode lidar com processos que atingem seu status as que passam na proposta deste artigo mostram como as famílias Dantas Vilar e Suassuna direcionam recursos para estratégias de reconversões sociais em duas frentes: no plano de um a autoimagem há uma relação simbólica que guia a construção de uma “saude” fortemente ligada ao parentesco e a posse da terra e ao status social do gado. Há todo o investimento em firmar uma “nostalgia distinta”, na conservação da memória da família (genealogias e livros de biografia); restauração do patrimônio arquitetônico da fazenda e afirmação de símbolos que remetem ao sobrenome, como os ferros de gado, na pintura das paredes. Já no plano de investimentos para pecuária, as estratégias apontam para uma reconversão do patrimônio material e produtivo das fazendas que passa a ser voltada para criação de raças de caprinos resistentes à seca e de alto valor de mercado – para venda em leilões e exposições e produção de queijos como produto artesanal.

---

presentado pelo pai para usar um boné e andar de motocicleta” (Moreira, 2014, p. 227) anuncia o desmanche de insistentes, embora frágeis estereótipos, como aqueles que veem o “sertão” rústico, isolado, fechado nas tradições em que circulam apenas “cabras-macho”, vaqueiros, retirantes, coronéis e padres. Fica, então, ainda mais evidente que o “sertanejo” é, antes de tudo, um ser mutável.

## **O encouraçado da nostalgia distinta, a heráldica sertaneja e os bodes fidalgos**

João Urbano Suassuna- casado com Rita de Cássia Vilar - foi “presidente da Parahyba” de 1924 a 1928 apoiado por alianças com coronéis algodoeiros e pecuaristas do interior do estado. Quando João Pessoa, primo de Suassuna, assume o governo em 1928 e inicia uma política fiscal rigorosa com a produção de algodão cobrando impostos de circulação das mercadorias, as tensões sociais aumentam e uma série de conflitos armados explodem na Paraíba como a Revolta de Princesa, liderada pelo Coronel José Pereira. O acirramento político ganha grau extremo quando João Pessoa foi assassinado a tiros pelo jornalista João Dantas, primo de Rita de Cássia Villar, na Confeitaria Glória em Recife-PE. Dantas atirou em Pessoa por motivos que uniram a oposição política e “honra” devido a publicação de fotos e cartas intimas com a professora e poetisa Anayde Beyriz<sup>10</sup> em jornais ligados aos partidários de Pessoa (Tavares, 2007, p.21). Além da morte de João Dantas degolado em uma prisão de Recife nos conflitos que se sucederam a Revolução de 1930 uma outra tragédia ainda atingiria as famílias Dantas Vilar e Suassuna: o código de honra também seria acionado para justificar a morte de João Suassuna, então deputado federal, que viria a ser alvejado em outubro de 1930. Suassuna estava entre nas ruas Mem de Sá e Inválidos no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro quando foi atingido por um tiro nas costas disparado por um pistoleiro contratado pelos Pessoa (Suassuna Filho, 2000, p. 25). Perseguidos politicamente e sob ameaças de linchamentos após a comoção pelo assassinato de João Pessoa, e vistos como “Inimigos da Revolução de 1930” os membros das famílias Dantas Villar Suassuna tomam como refúgio a fazenda Carnaúba em Taperoá-PB, que a época dos anos 1940 pertencia a Manuel Dantas Villar, irmão de Rita de Cássia Vilar, e pai de “Manelito” Dantas, atual proprietário.

Nos livros de memórias das famílias Dantas Vilar e Suassuna, além do resgate de genealogias e a elaboração seletiva e idealizada de um passado social da fazenda e da família, recursos narrativos típicos dessa modalidade de texto<sup>11</sup>, é nítido o esforço de mostrar outra narrativa histórica do processo que desencadeou na morte e mitificação de João Pessoa - que inclusive fez mudar o nome da capital e a bandeira do estado as cores

---

<sup>10</sup> A professora e poetisa Anayde Beyriz, chocava a conservadora sociedade paraibana do início do século XX usando cabelos curtos e vestidos vermelhos é a protagonista do filme Paraíba Mulher Macho, de 1983, dirigido por Tizuka Yamazaki.

<sup>11</sup> Sobre a produção de genealogias, livros de memória e elites ver os trabalhos de Canedo (1998) e Le Wita (1985).

vermelha de sangue, preto de luto. Dantas e Dantas (2008) e Suassuna (1992) tentam em vários momentos das suas memórias “desmontar” a versão que colocou suas famílias como as grandes vilãs políticas da Revolução de 1930, com a pecha de assassinos e “amigos” de cangaceiros, representantes do “atraso” que supostamente o falecido João Pessoa tentava combater para modernizar a Paraíba, um dos estados mais pobres do Brasil.

Sem sombra de dúvida, a melhor “vingança” das famílias Dantas Vilar e Suassuna contra as narrativas políticas que os atacaram durante todo pós-1930 foi a literatura e o teatro de Ariano Suassuna. O escritor – que dedica boa parte suas memórias pessoais a falar das idas entre o trem a Recife para estudar na faculdade de Direito e as férias na Fazenda Carnaúba junto aos primos dos Dantas Vilar (Suassuna, 2007) - teceu a construção de um universo literário “sertanejo-medieval armorial” em que a imagem da fazenda pecuarista do sertão nordestino é central. E essa, por exemplo, a proposta do livro *Ferros do Cariri, uma Heráldica Sertaneja*<sup>12</sup>, de 1974, em que Ariano Suassuna expõe os desenhos dos ferros que se baseia para criar o “Alfabeto Armorial”. O livro inicia com uma identificação do autor com o cenário dos ferros de gado

“Creio que esse assunto- os ferros sertanejos d e marcar gado – começou a se sedimentar no meu subconsciente desde muito menino, aliás s como tudo que se sucede com a Civilização do Couro” (Suassuna, 1974, p. 3)



Foto 3: Alfabeto Armorial  
(Fonte: [armorialbrasileiro.wordpress.com](http://armorialbrasileiro.wordpress.com))

<sup>12</sup> Com edição limitada a 700 exemplares, o livro *Ferros do Cariri* é o mais raro do escritor Ariano Suassuna. Tive acesso a um exemplar nos arquivos da biblioteca Átila Almeida no campus I da Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande – PB.

Algumas páginas adiante, o escritor fala de como teve acesso ao antigo livro de contabilidade com os desenhos de ferros de gado e sua ligação com a fazenda Carnaúba do seu tio Manuel Dantas Vilar :

[...] Meu tio, Manuel Dantas Vilar, foi uma das pessoas que mais influenciaram na formação da minha personalidade. Era uma dessas raras pessoas que no Brasil guardam velhos papéis de família, anotações, cartas e escrituras já caducas de terras. L á, remexendo seus papéis encontrei um livro de anotações diárias de um velho fazendeiro de minha família, Paulino Villar da Costa Santos. Paulino viveu no século XIX na mesma data de terras, a Carnaúba, doada a nosso antepassado, Bento da Costa Vilar, em 1791, pela rainha Dona Maria I , a Louca. A casa que foi sua – e que é a mais antiga ainda de pé da pertencentes a minha família no Cariri paraibano – é hoje, minha. (Suassuna, 1974, p. 5)

O livro também explica o desenho dos ferros que adornam as paredes da fazenda Carnaúba (ver foto 4). O símbolo (abaixo, a esquerda) foi usado pelo avô de Ariano Suassuna, Gabriel Villar. Já filho de Gabriel Villar, Manuel Dantas Vilar que utilizou como ferro o mesmo desenho, mas com ligeiras alterações no traço. Já o ferro dos Suassuna, era utilizado n os animais da Fazenda Acahuan no sertão paraibano, que pertencia ao pai de Ariano Suassuna, João Suassuna.

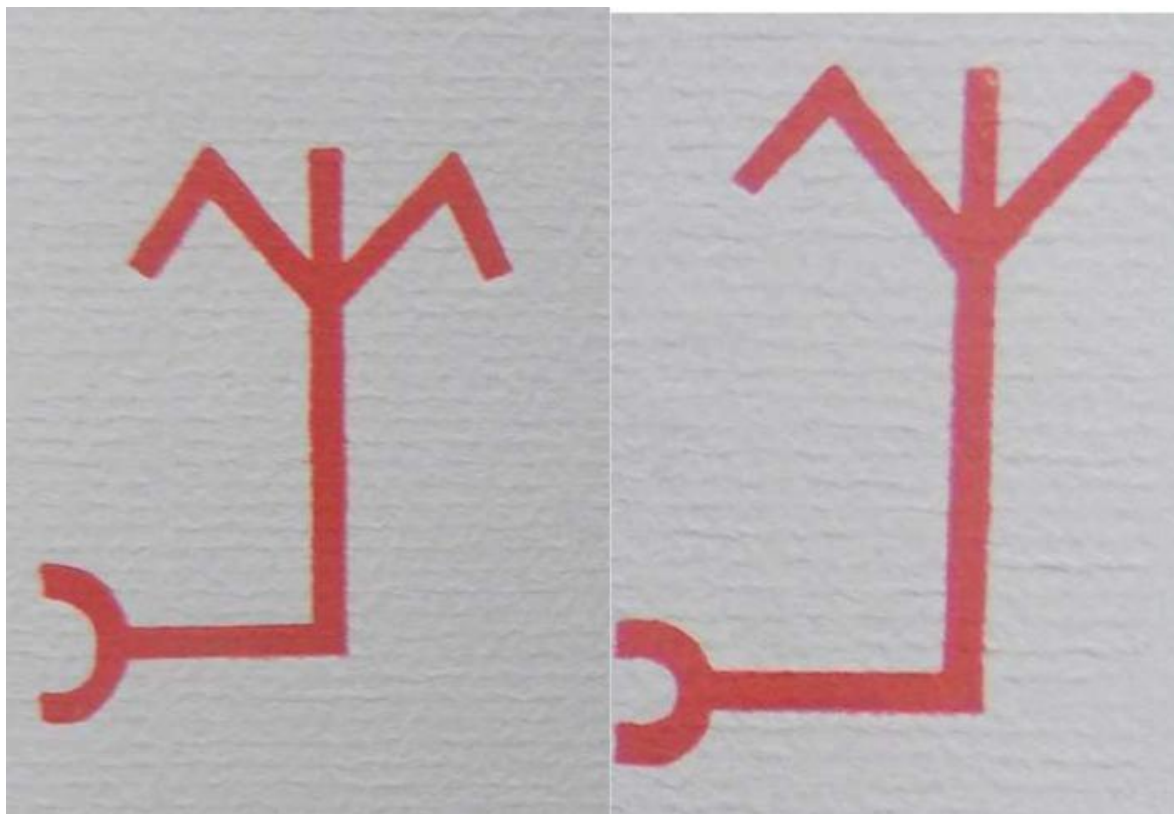


Foto 4 e 5: Ferros da família Vilar

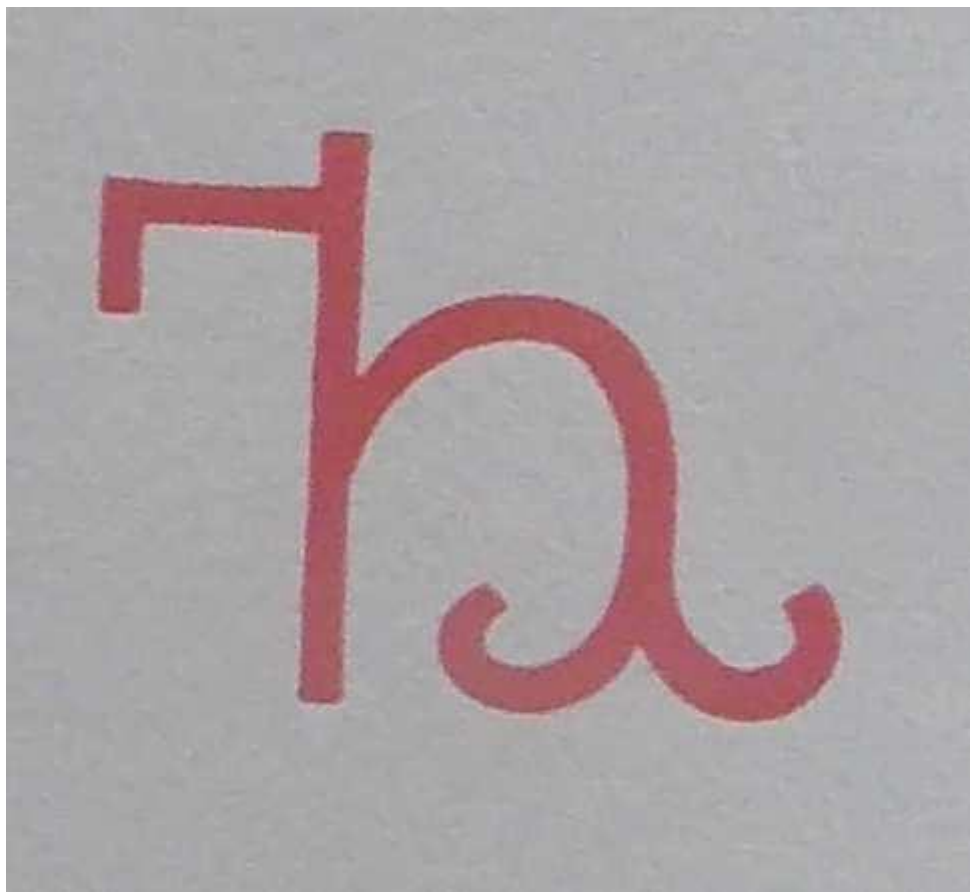


Foto 6: ferro da família Suassuna

A elaboração que Ariano Suassuna faz desse sertão das fazendas pecuaristas vai ser uma das várias diferenças de sua obra com a dos autores regionalistas de 1930 e 1940 – Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo - que prezavam por um viés estritamente realista para falar sobre as secas e o sertão nordestino. Por outro caminho, o chamado Movimento Armorial encabeçado pela obra de Suassuna buscava um diálogo da realidade com uma fantasia medieval, católica e mística nas suas narrativas. É essa atmosfera que Suassuna vai criar para o universo do seu livro *Pedra do Reino* e o *Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, lançado em 1971. O enredo monárquico e sertanejo já se apresenta nas primeiras páginas diante da auto-proclamação do protagonista Dom Pedro Dinis Quaderna: um “Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil”. Esse é o tom que segue toda a obra que se passa no ano de 1937 em que Quaderna, preso, fala suas memórias sobre as discussões intelectuais com os colegas da Academia dos Emparedados do Sertão da Paraíba, as buscas genealógicas pelos seus antepassados reis e rainhas de cor “cabra sua

“Casa” que esteve a frente de um levante messiânico próximo ao maciço da pedra do reino em São José do Belmonte- PE.

Em passagens do livro a Pedra do Reino é utilizado com certa frequência o recurso da antropomorfização: exemplo que mais aparece é o da Onça seja na forma pura ou na forma de um animal mitológico (Besta Bruzacã) ronda os pesadelos do protagonista Dom Pedro Dinis Quaderna. No caso dos bodes há o debate em torno do que seria “a fidalguia e nobreza real do sertão brasileiro” em que esses animais seriam representantes legítimos. Essa é uma das pautas de reunião na chamada Academia dos Emparedados com o Professor Clemente, quando Quaderna emite sua opinião sobre os bodes:

[Clemente] Bem, aí é que chegamos realmente ao que desejo. E pergunto: seu primo e sobrinho Sinésio Garcia-Barretto (o tal do Dom Sinésio, o Alumioso, como o senhor prefere chamar) esteve metido nisso tudo?

[Quaderna] Esteve, sim senhor! Tanto ele como seu Pai e seus dois irmãos, Silvestre, o Bastardo, aliado seu, e o outro, seu inimigo irreconciliável, Arésio, o Cáprico, membro da aristocracia rural!

[Clemente]:Cáprico?

[Quaderna] Excelência, "cáprico" quer dizer "bódico. Apreendi isso com Carlos Dias Fernandes, genial escritor e fidalgo paraibano que, sendo da Direita, tinha o costume de falar difícil! Carlos Dias Fernandes, um dos mestres queridos de Samuel, escrevia sempre "o Capro", em vez de "o Bode", motivo pelo qual entendi que um capro é um bode fidalgo, um bode da Direita, e um bode é um capro popular, um capro da Esquerda! De fato, porém, para mim tanto faz uma coisa como outra: porque, sendo monarquista, sou a favor dos Bodes fidalgos e ibéricos que vieram nas caravelas; mas sendo também da Esquerda, sou também a favor dos Capros negros e vermelhos dos Povos mouros do Brasil, tão fidalgos como quem mais o seja! (Suassuna, 2007, p. 299-300)

Foi com uma premiação em dinheiro obtida pelo livro a Pedra do Reino que Ariano Suassuna na década de 1970 passou a investir na criação de bodes junto a seu primo Manuel Dantas Vilar na Fazenda Carnaúba. É usando como modelo essa fazenda que no fim da década de 1990, Ariano Suassuna se engajou fortemente em defesa da caprinocultura nas entrevistas, prefácios de livros sobre gastronomia com a carne caprina, em textos publicados colunas de jornal e também em documentários como Bode Rei, Cabra Rainha<sup>13</sup>, produzido em 2008. Em um artigo para a Folha de São Paulo<sup>14</sup> que data do ano 2000, Suassuna destaca um potencial da pecuária, particularmente da criação de cabras, geralmente pouco reconhecido:.

Sou um escritor que gosta de cabras e há muito tempo comecei a avaliar a importância econômica e social de rebanho tão grande quanto o nosso. Mas os economistas "iluminados" que, a partir do regime militar, passaram a orientar a política brasileira, primeiro decretaram que, para o Brasil, os escorchantes lucros e juros bancários eram mais importantes do que a lavoura e a pecuária.

<sup>13</sup> <sup>13</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Q9\\_DpChqWs](https://www.youtube.com/watch?v=Q9_DpChqWs)>

<sup>14</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3005200007.htm>>



(...) No Brasil, a pecuária em geral, e a cabra em particular, é perseguida e desprezada.

Realizada um ano após a morte do escritor Ariano Suassuna, a terceira edição evento do Dia D da Fazenda Carnaúba em 2015 teve como principal homenagem uma exposição chamada “Em nome do Pai” feita pelo artista plástico Manuel Dantas Vilar Suassuna, filho de Ariano Suassuna. A exposição de quadros foi realizada em um galpão que como todos os prédios da fazenda, estão pintados com os símbolos de ferros de gado das famílias.



Foto 7: Galpão que foi realizada a exposição “ Em nome do Pai” na Fazenda Carnaúba com letras no estilo do alfabeto armorial. A autoria: Valdênio Meneses

Além de herdar a casa que Ariano Suassuna tinha na Fazenda Carnaúba Manuel também foi o filho encarregado de preservar o legado artístico do pai. Isso foi reconhecido em uma carta escrita a mão pelo próprio Ariano Suassuna, em 2013, e fotocopiada no catálogo Oficina de Cabeça de Cabro, mostruário da produção do ateliê de Manuel que ele me presenteou. Em entrevista, Manuel me fala que pretende até 2017 lançar o último livro escrito por Ariano Suassuna na qual ele deixou apenas manuscritos – em uma festa na fazenda Carnaúba – segundo ele “nenhum outro local seria mais justo para manter viva a memória do pai”.

---

## **A seleção das raças de caprinos pela rusticidade e a convivência com as secas**

Em um dos textos de divulgação nas redes sociais do Dia D de 2015 intitulado a Brava Carnaúba pode-se notar um misto de orgulho junto a linguagem técnica pautada mais em conhecimentos da engenharia e da veterinária

Numa terra de chuvas e águas desarrumadas os Dantas Vilar buscaram compreender o clima, a terra e os animais para, a partir da realidade local, adaptar recursos e desenvolver tecnologias com patíveis com o ambiente sertanejo tais como fenação tropical, introdução de capim buffel e hidrolização do bagaço de cana. Uma apurada seleção zootécnica que aliou a resistência das raças nativas a outras originárias da África e Península Ibérica (...) resultou no plantel que hoje, a Carnaúba faz questão de exibir e que conta com dois mil e quinhentas cabeças de caprinos e ovinos e mil cabeças de gado

Na figura de “Manelito” Dantas Vilar que é atribuído um duplo papel para a fazenda Carnaúba. Primeiro, o de proprietário das fazendas e “patriarca” da família. Segundo como o “o dono da técnica” que junto com a “ideologia” do primo Ariano Suassuna foi responsável pela criação de 15 raças n ovas de caprinos e ovinos através de cruzamentos entre cabras d e raças nativas e exógenas – o objetivo é ganhar rusticidade, resistência, aptidão para leite e carne e um alto valor de mercado - um lote de caprinos, composto de 5 a 7 animais, de raças como parda sertaneja, criada exclusivamente na Carnaúba, podia custar até cinco mil reais na exposição do Dia D. Boa parte do rebanho dos Dantas Vilar e Suassuna, cerca de 2000 animais, fica em apriscos localizados na Fazenda Pau Leite.



Foto 8:, Caprinos da raça Serrana Azul na Fazenda Pau Leite ( Autoria:Valdênio Meneses)



Foto 9:, Reprodutor da Raça Moxotó na Fazenda Pau Leite ( Autoria: Valdênio Meneses)

Foto 10 : Caprinos da raça Canindé e Parda Sertaneja- Raça exclusiva do rebanho na Carnaúba. Ao fundo, estão Manelito Dantas e Ariano Suassuna – a foto foi tirada na década de 1980. ( Fonte: Perfil do Facebook Carnaúba Taperoá)

Hidrologista e professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Manelito é personagem recorrente em reportagens sobre a pecuária e práticas de convivência com semiárido. É frequente sua apresentação biográfica como alguém que “um sertanejo teimoso que nunca abandonou o campo” em revistas especializadas em caprinocultura, artigos acadêmicos, jornalísticos e reportagens do Globo Rural realizadas nas décadas de 1980 e 1990 na Fazenda Carnaúba. Também apelidado de “Camelô das Secas” devido aos conhecimentos inovadores que trouxe para sua fazenda, é um forte



crítico a políticas salvacionistas e a visão hidraulicista sobre a pobreza nordestina. Ele defende a concepção de que o semiárido enquanto região “com regime irregular de chuvas, deve assim ser aproveitado como ele é” (Vilar Filho, 2001, p. 43-44). Apresentando dados pluviométricos de produção agropecuária pra fazer um histórico das grandes secas, Vilar Filho (2001) tenta convencer o leitor sobre o fracasso de políticas pautadas no crédito agrícola da década de 1970 e 1980, que não levavam em conta a dimensão lotérica da chamada agricultura de sequeiro – milho, feijão, algodão – diante do fenômeno da seca no semiárido. Em entrevista realizada para uma edição da revista O Berro de maio de 2013, Manelito reitera um manejo racional da criação de caprinos em contraposição ao que chama de “culturas lotéricas e técnicas de irrigação:

É desses animais [caprinos] que o povo do interior do Nordeste precisa para viver na região da seca e não o cultivo da terra para plantar grãos - afirma Manelito, realçando o que chama de “culturas lotéricas”. Para ele, “arar a terra significa desmontar o solo”. (...) “Precisamos considerar a seca um componente intrínseco do trabalho rural e atuar racionalmente, reforçando a atividade mais resistente a ela, como é a criação de vacas, cabras e ovelhas”. (...) A solução (...) está no estímulo à criação de animais resistentes à seca e a introdução e cultivo de plantas adaptadas ao Semiárido. Afinal, é o Semiárido mais rico do mundo em leguminosas, que vem a ser a proteína da ração animal (O Berro, 2013, p. 14)

Durante os eventos do Dia D de 2015, Manelito Dantas foi homenageado na exibição do documentário **Carnaúba, amor, a cultura e a fazenda**. A narrativa do filme exalta a figura do Sr. “Manelito” como alguém que fez da “fraqueza a força” ao conseguir fazer com que a Fazenda Carnaúba fosse reconhecida como um modelo de convivência com a seca e com a pecuária. Manelito, como é habitual em outras entrevistas, sempre utiliza da roupa azul e um cajado, argumenta a periodicidade das secas e a necessidade de adequar o uso da terra no Nordeste para esse fenômeno.

Um outro defensor da pecuária caprina e da convivência com as secas ligado a fazenda Carnaúba é o engenheiro João Suassuna, primo de Ariano e Manelito, que possui uma grande quantidade de artigos publicados no site da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Lá ele que aborda temas que se dedica há mais de 15 anos como a transposição do São Francisco; técnicas de irrigação; cursos de manejo de raças de caprinos; usos racionais da água e solos no semiárido. Nos artigos “Semiárido: uma proposta de convivência com a seca”<sup>15</sup> (2002) e a “ Caprinocultura: uma pecuária necessária para o semiárido”<sup>16</sup> (2003) Suassuna fala de um processo de salinização e desertificação para mostrar que uso de irrigação não é “solução” para os problemas do semiárido, sendo necessário investir na pecuária:

<sup>15</sup> [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=659&Itemid=376](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=659&Itemid=376)

<sup>16</sup> [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=629&Itemid=376](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=629&Itemid=376)

A pecuária talvez seja a mais importante das alternativas para a região seca, principalmente por se tratar de uma região carente em proteína. Ações realizadas com sucesso no Cariri paraibano, especificamente no município de Taperoá, têm demonstrado que o cultivo da palma e a fenação de forrageiras resistentes à seca, como é o caso do capim Buffele do Urocloa, aliado à criação de um gado igualmente resistente e de dupla aptidão (carne e laticínios), a exemplo do Guzerá e do Sindi oriundos dos desertos da Índia e de pequenos ruminantes melhorados geneticamente (caprinos e ovinos), têm possibilitado a sobrevivência digna do homem na região.

Esse investimento na pecuária nas fazendas “enlaça” com aquela nostalgia afetiva dos símbolos dos ferros dos Dantas Vilar e Suassuna na proposta de mercado de produtos artesanais e refinados: a produção do Laticínio Grupiara que desde 2002, produz queijos de cabra com sabores de ervas típicas da região do Cariri da Paraíba, como marmeleiro, alfazema e cumaru. Desenhada por Ariano Suassuna e Manelito Dantas a embalagem do queijo é similar a um escudo de casas da nobreza, e possui uma gravura de um caprino na parte central acompanhado dos sempre presentes marcadores de ferro de gado das famílias que fazem parte do alfabeto no estilo armorial,



Foto 12: Embalagem dos queijos de cabra produzidos no laticínio da Fazenda Carnaúba

Na parte lateral do queijo há duas frases marcadas. Uma é de Ariano Suassuna que diz que a “cabra é um caminho para revitalização política, literária e econômica do Nordeste”. A outra é de Manuelito Dantas : “ Somos criadores de Cabras Ibero-brasileiras, pardas, brancas, negras e azuis, desde a manjedoura de Belém, a cabra expressa bem o ruminante adequado as terras secas do mundo”.

### **Considerações finais**

Como esse artigo é produto de um trabalho ainda em andamento, coloco em debate não conclusões fechadas mas reflexões gerais sobre as estratégias de reconversão social de antigas elites pecuaristas provocadas a partir do caso das fazendas dos Dantas Vilar e Suassuna:

**Entre a Rusticidade e a Saudade:** a Fazenda Carnaúba e Pau Leite dos Dantas Vilar podem ser exemplo de quais estratégias possibilitaram aparte da antiga elite pecuarista manter a posse das fazendas mesmo diante de falências e crises econômicas do algodão das últimas décadas. Esses movimentos implicam estratégias de reelaboração da relação dessa elite com seu passado, com a posse da terra e a pecuária.

Um dado interessante social e emocionalmente construído é como esses pecuaristas se apresentam – seja nos livros de memória seja na interação social face-a-face de entrevistas – enquanto um grupo social “ rústico”, sóbrio tanto nas vestimentas como na decoração das casas, membros de uma “estirpe” de legítimos representantes de uma cultura sertaneja “ encouraçada” que estaria em vias de desaparecer. Essa ameaça de desclassificação de um passado que esta sempre presente pode ser uma via para compreender o forte investimento do espaço da fazenda como local, por excelência, da saudade, da “tradição” e da memória de um tempo social “pretérito perfeito”<sup>17</sup>.

**A pecuária caprina e a “convivência conveniente” das elites com as secas:** a fazenda como local da saudade também é espaço para a afirmação de uma modernidade pautada na pecuária e na adaptação as secas. Essa é uma estratégia de distinção que passa por afirmar um conhecimento, não apenas em termos de ciência, mas de “vivência” com a natureza do semiárido, dos ciclos das secas, saberes “que não se aprendem na escola” das

<sup>17</sup> A construção da própria região Nordeste como espaço da saudade, da tradição, da nostalgia, de uma “geografia em ruínas” das secas e do saudosismo é debatido por Albuquerque Jr. (2014). Para o historiador, esse recorte territorial chamado Nordeste apesar de evocar constantemente a imagem de um passado distante tem sua “invenção” relativamente recente ainda nas primeiras décadas do século XX. Resulta de uma imagética-discursiva de forte apelo produzida em boa parte na literatura regionalista por descendentes de elites agrárias na que declinaram desde o final do século XIX.



“necessidades” dos animais diante da estiagem. Daí que as falas do “Manelito Dantas, Ariano Suassuna e de seus parentes tendem para o que parecer ser concepção particular da convivência com as secas “encouraçada” e pecuarista, voltada para a grande propriedade e especializada para um mercado de caprinos e ovinos. Esse dado provoca um debate que vai além dos limites deste artigo que seria um comparativo com a visão de convivência com semiárido defendida por movimentos sociais e organizações não governamentais como a Articulação para o Semiárido (ASA). Ao que parece – e é preciso fazer mais pesquisa para esclarecer isso – há algumas diferenças entre uma “convivência com as secas” das elites pecuaristas com a convivência com semiárido nos projetos ligados a ASA pautados em políticas na construção de cisternas de placas, agroecologia e um forte apelo em uma forma de militância pastoral e católica , como aponta Moreira Neto (2013),. Alias a própria elite pecuarista e considerada, por autores que defendem a convivência com semiárido do ponto de vista da ASA, como representante do atraso e símbolo do paradigma ultrapassado de combate as secas crivada pelo passado da grande propriedade, do familismo, do desvio dos recursos estatais de combate a estiagem (Carvalho, 2004, p.27).

Por fim, um outro exercício interessante seria comparar esse caso particular da Carnaúba outras famílias/fazendas no Cariri e também no interior da Bahia ( Uaua-Jeremoabo) - regiões que tiveram um forte estímulo de eventos gastronômicos, turísticos e políticas públicas para pecuária caprina nas últimas décadas. A questão a se investigar é até que ponto a elite pecuarista e sua estratégias de reconversão social por uma “virada caprinocultora” tem influenciado na construção de uma crença na esfera pública que impõe uma vocação natural e “cultural” para pecuária no semiárido.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, C. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. 4 ed. Livraria Briguiet, [1907] 1954.

ALBUQUERQUE JUNIOR. D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**, 5 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

ANDRADE, M.C. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**, 8ed. – São Paulo, Cortez, 2011

ARANHA, G. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba: tramas político-econômicas e culturais**. Tese de doutorado apresentada no Departamento de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2001

---

BACELAR, T. **Economia do semiárido: a crise como oportunidade**. Revista Coletiva, n.15 jan-abr, 2015

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2 Ed., Zouk, Porto Alegre, 2015

\_\_\_\_\_. PASSERON, J-C **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianopolis; Ed. da UFSC, 2014b

CALLADO, A. **Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1960.

CANÊDO, L. **La production genealogique et les modes de transmission d’un capital politique dans le Minas Gerais brésilien**. Genesis, 31, 1998, p. 4-28

CARVALHO, L. D A emergência da lógica da convivência com semiárido e a construção de uma nova territorialidade. In: **Educação para a convivência com semiárido: reflexões teórico práticas**. Juazeiro. Secretária da Rede de educação do Semiárido Brasileiro, 2004.

CPT - COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **O Genocídio do Nordeste ( 1979-1983)**, Ibase, 1989

CUNHA, L.H; GOMES. R. **A trajetória da algaroba no semiárido nordestino: dilemas políticos e científicos**. Revista Raízes, V.32, n.1, jan-jun/2012.

DINIZ, N.M. **Um Sertão dentre tantos outros: fazendas de gado das Ribeiras do Norte** – São Paulo, Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), 2013

DUQUÊ, G. **Estrutura fundiária e pequena produção : um estudo de caso no Cariri Paraibano**. Revista Raízes, Campina Grande, Ano IV, n 4-5, jan-dez, 1985, , p.168-196

FAVARETO, A.; ABRAMOVAY,R; OLIVEIRA, M.; DINIZ, J.F; SAES, B. **Desenvolvimento territorial em uma região do semiárido brasileiro do Nordeste Brasileiro- para além das transferências de renda**. Documento de trabalho. nº83. Programa Dinâmicas Territoriais Rurais. Rimisp- Centro Latinoamericano para o desarrollo rural, Santiago, Chile, 2011, p. 1-29

FURTADO, C. **Seca e Poder, Entrevista com Celso Furtado**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1998

GARCIA JR, A. R.. **Libertos e Sujeitos: Sobre a transição para trabalhadores livres No Nordeste**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 7, 1988, p. 5-41

\_\_\_\_\_. **Os vice-reis do Norte: reconversão de elites agrárias e a Revolução de 1930 (1920-1964)**. Revista de Ciências Sociais, v. 38 (02), 2007,

\_\_\_\_\_. **O sul a caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo, Marco Zero, 1989

---

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009

GONÇALVES JUNIOR, O. **Entre nativos e exóticos: a mestiçagem na construção de uma nova identidade na caprinovinocultura dos sertões**. Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro – RJ, v. 5, n. 2, 2012, p. 89 – 117.

LE WITA, B. **Memoire, l'avenirduprésent**. Terrain, 4, 1985

MAIA, K.; CUNHA, L. **Narrativas sobre a grande propriedade no sertão nordestino: território da pecuária, do latifúndio e das oligarquias**. Revista Raízes, Volume 35, n.2 , Julho-dezembro 2015, p. 84-99.

MENEZES, D. **O Outro Nordeste**. Coleção Documentos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1937

MENEZES, M. Migrações: Uma experiência histórica d o campesinato no Nordeste In: GODOI, E. ; MENEZES, M.; MARIN, R. ( Orgs.). **Diversidade do campesinato**, 2009. P. 269-289

MORAES, F. **Os sertões: livro reportagem de Fabiana Moraes**, Recife, CEPE, 2010.

MOREIRA NETO, M. **Outro sertão: fronteiras da convivência com o semiárido /** . - Recife: Massangana, 2013

MOREIRA, E.; TARGINO, I. **Capítulos de Geografia Agrária**. João Pessoa: Editora Universitária da Paraíba, 1997

MOREIRA, G. A nova cara do sertão: provocações sobre juventude e cultura contemporânea In. FREIRE, A ( Org.) **Culturas dos Sertões**. Edufba, Salvador. 2014, p. 227-244.

SAINT MARTIN, B. **Reconversões e reestruturações das elites: o caso da aristocracia em França**. *Análise Social*, v. XXX (134), 1995, p.1023- 1039

\_\_\_\_\_. **Le reconversions culturelles. L'exemple de lanoblesse »**, *Hermès*, 20, 1996, 183-191

\_\_\_\_\_. Modos de educação dos jovens aristocratas e suas transformações. In: ALMEIDA, A.M; NOGUEIRA, M.A (Orgs) **A escolarização das elites: um panorama internacional de pesquisa**, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 29-49

\_\_\_\_\_. **Da reprodução às recomposições das elites : as elites administrativas, econômicas e políticas na França »**, Tomo, Revista d o Núcleo de Pos-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Universidade Federal de Sergipe, 13, jul.-dez. , 2008, 43-73.

\_\_\_\_\_. **« Towards a dynamic approach toreconversions »**, *Social Science Information*, sept. , 50 (3-4), 2011, pp. 429-441

---

PERISSINOTO, R. M ; CODATO, A. **Dossiê : Elites políticas: revista de sociologia e política**, v;16, n38 , jun, 2008, p. 7-15

PINÇON, M. ; PINÇON-CHARLOT, M,. **Pratiques D'enquête dans l'aristocratie et la grande bourgeoisie: distance sociale et conditions spécifiques de l'entretien semi-directif**. Genesis, 3 mars, 1991, p. 120-133.

\_\_\_\_\_.A infância dos chefes – a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, A.M; NOGUEIRA, M.A ( Orgs) **A escolarização das elites: um panorama internacional de pesquisa**. Petrópolis, Vozes, 2002, p. 11-29

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Alta Burguesia**. Sociologias, Porto Alegre, Ano 9, n.18, jul/dez 2007, p. 22-37

SEIDL, E.. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: Ernesto Seidl; Igor G. Grill. (Org.). **As Ciências Sociais e os espaços da política no Brasil**. 1ed.Rio de Janeiro: FGV, 2013, v. 1, p. 179-226

SILVA, M. F. DA. **Reforma agrária de mercado ou atualização do clientelismo? O Programa Nacional de Crédito Fundiário e o assentamento de famílias sem terra no Cariri Ocidental Paraibano**. ' Dissertação de mestra do apresentada no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), UFCG, Campina Grande, 2012.

SUASSUNA FILHO, J. **Memórias e histórias**. Recife, Ed . do Autor, 2002

SUASSUNA, A . **Ferros do Cariri, Uma Heráldica Sertaneja**, Editora Guariba, Recife 1974.

\_\_\_\_\_.(1999) **Cabras**. Disponível em <  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz3005200007.htm> > Acesso em fevereiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Almanaque Armorial**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008

\_\_\_\_\_. **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta**. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2007

SUASSUNA, J. . **A Caprinocultura nos Estados do Piauí e Ceará**. Ciência e Trópico, Recife, v. 25, n.1, p. 116-123, 1997

\_\_\_\_\_. (2002) **Semiárido: proposta de convivência com a seca**. Disponível em [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=659&Itemid=376](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=659&Itemid=376) Acesso em fevereiro de 2015

\_\_\_\_\_, (2003) **Caprinos: uma pecuária necessária para o semiárido**. Disponível em <  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=629&Itemid=376](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=629&Itemid=376)> Acesso em fevereiro de 2015

---

\_\_\_\_\_, . Semi-árido: Proposta de convivência com a seca. In: Janirza C. da Rocha Lima. (Org.). **Caderno de Estudos Sociais**. Recife PE: Editora Massangana, 2007, v. 23, p. 135-148.

SUASSUNA, R. **Uma Estirpe Sertaneja: Genealogia da Família Suassuna**. João Pessoa/PB: A União, 1993

TAVARES, B. **ABC de Ariano Suassuna**. Ed. Jose Olympio, Rio de Janeiro, 2007

VILLAR FILHO, M. **Secas e ciclos secos – Sinopse analítica**. In: (Org.) BATISTA FILHO, M. Recife, IMIP, 2001, p. 43-44.

\_\_\_\_\_**O sertão frugal e verdadeiro- Crônica d e uma convicção** In: (Org.) BATISTA FILHO, M. Recife, IMIP, 2001, p. 43-44.

\_\_\_\_\_(2001b) **Potencialidades e limitações da caprinocultura no Semiárido**. Disponível em <[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=629&Itemid=376](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=629&Itemid=376)> Acesso em abril de 2015.

Sites consultados Reportagens

Folha de SP [https://www.youtube.com/watch?v=Q9\\_DpChqWs](https://www.youtube.com/watch?v=Q9_DpChqWs)>

<sup>1</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3005200007.htm>

[Sites consultados](#)

: [armorialbrasileiro.wordpress.co](http://armorialbrasileiro.wordpress.co)

Oficina Cabeça de Cabro

Folder Dia D Fazenda Carnaúba

Revista O Berro

Agronegócios